

400ml



Handwritten graffiti on the white suit, including a signature and the number '1007'.

revista
400ml

400



400ML é grátis! Não somos uma panela, e podem ter certeza, todos cabem nessa lata!!!

Seja para quem for, de onde for, o que queremos é misturar!

Paz

GLAUCI MIYATA
THIAGO MAC
MARIANO LIMA
VINICIUS SIRI
FLAVIO BATA

03 EDITORIAL

08 GLOYE

18 O QUE É GRAFFITI?

22 REIS

34 DJ MAKO

38 RETOS

50 FOTOGRAFFS

77 GALERIA

Agradecimento especial: Gerson, Gloye, Ariel Martini, Choque Photos, Ração Diniz, Enlo, Samelo, Posse471, Mako, Retos, Inseto e a toda galera que envia fotos!

capa: Riot68

e-mail:

revista400ml@gmail.com

websites:

www.fotolog.com/revista400ml

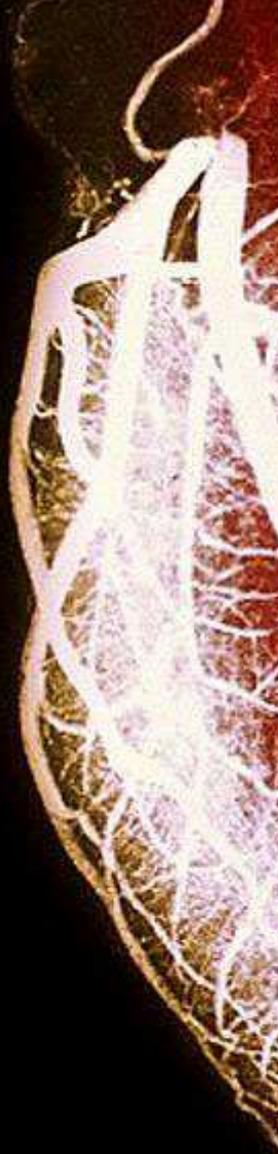
www.ana-viegas.com/rlo

400ml é uma revista independente divulgando criatividade e cultura. Responsabilidade, Informação visual e/ou direitos autorais pertencem aos criadores, grafiteiros.

Você está livre para reutilização ou distribuir este zine em seu site/ blog / forum, desde que para uso não comercial. pedido por escrito, email

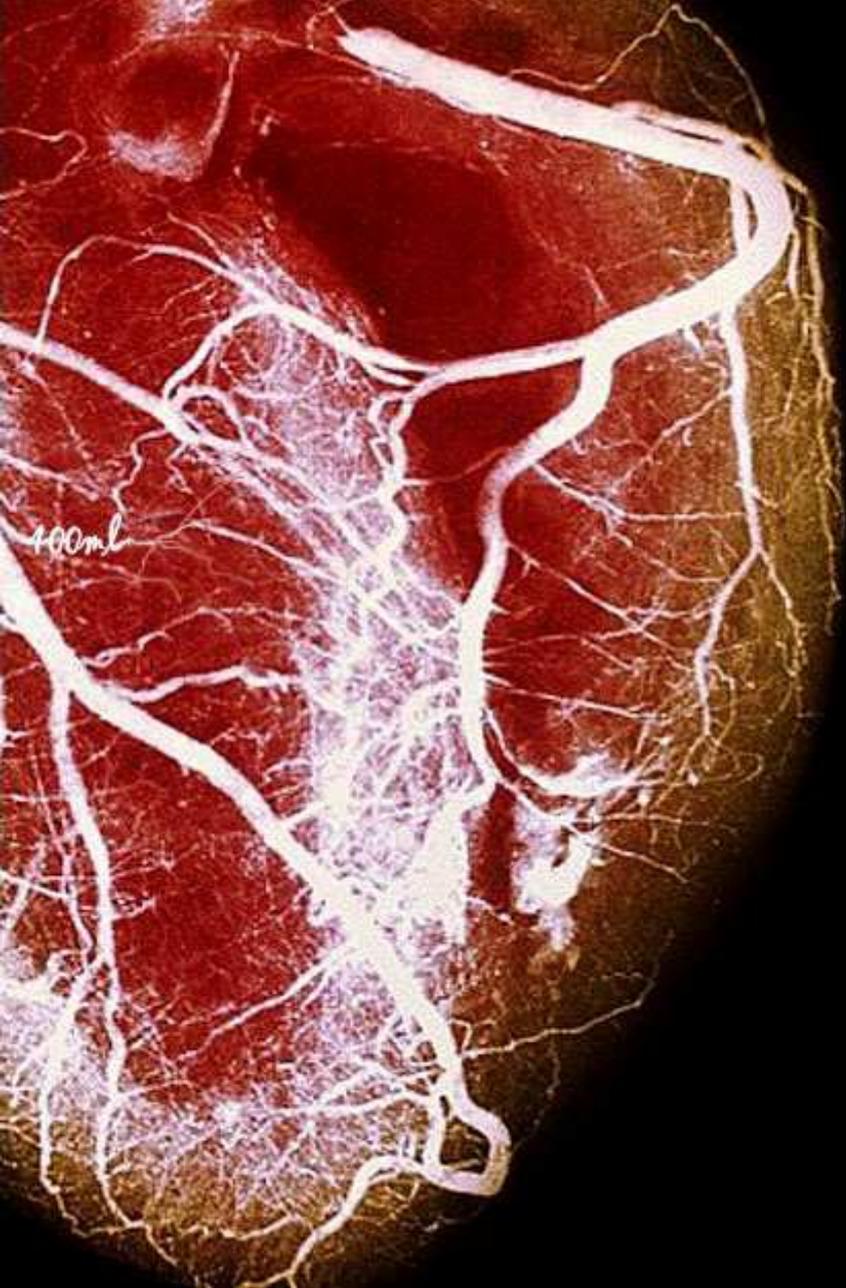
Agradecemos com opiniões e comentários, e também nos conte sobre a sua experiência para que possamos melhorar a fornecer melhores conteúdos para você.



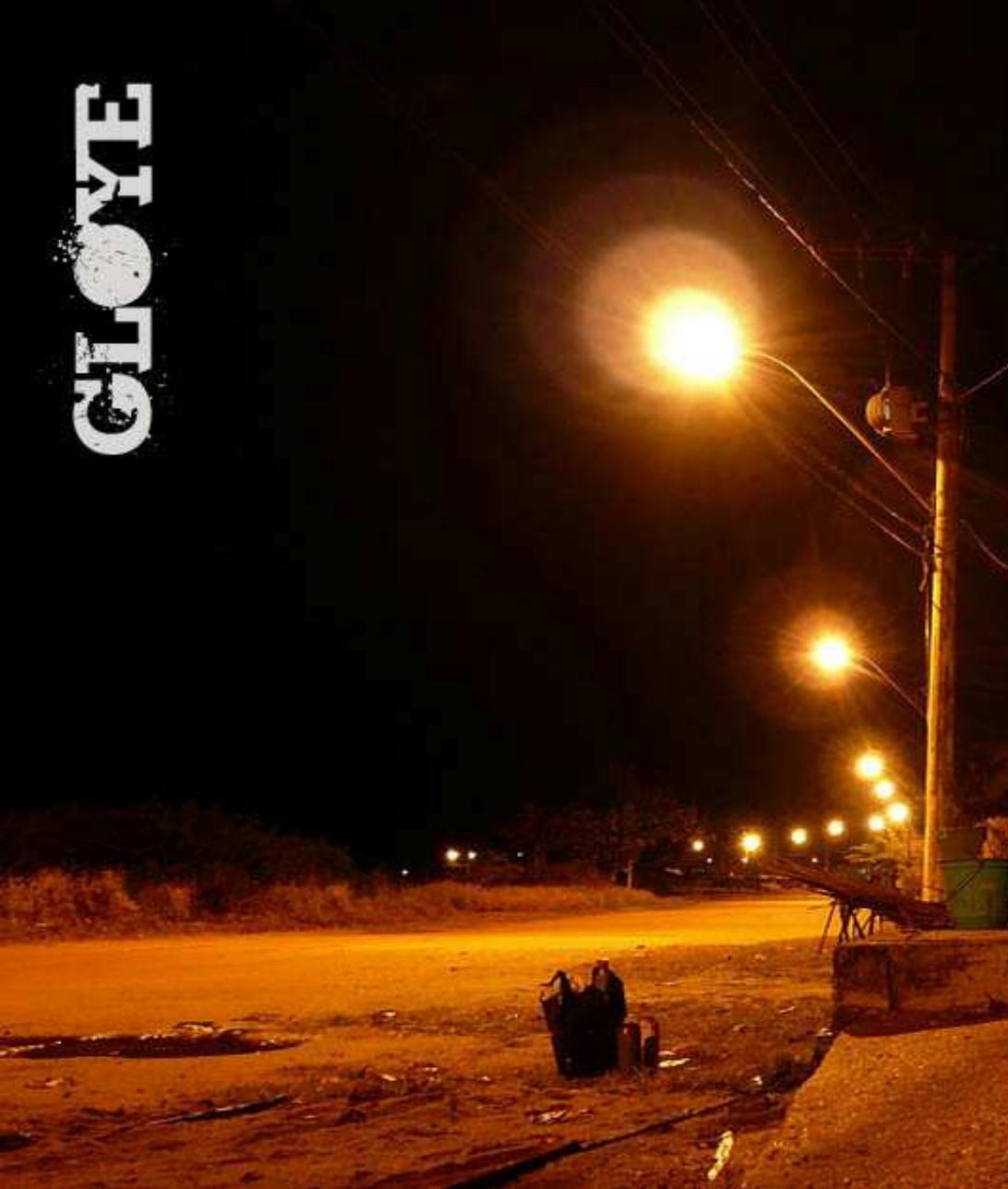


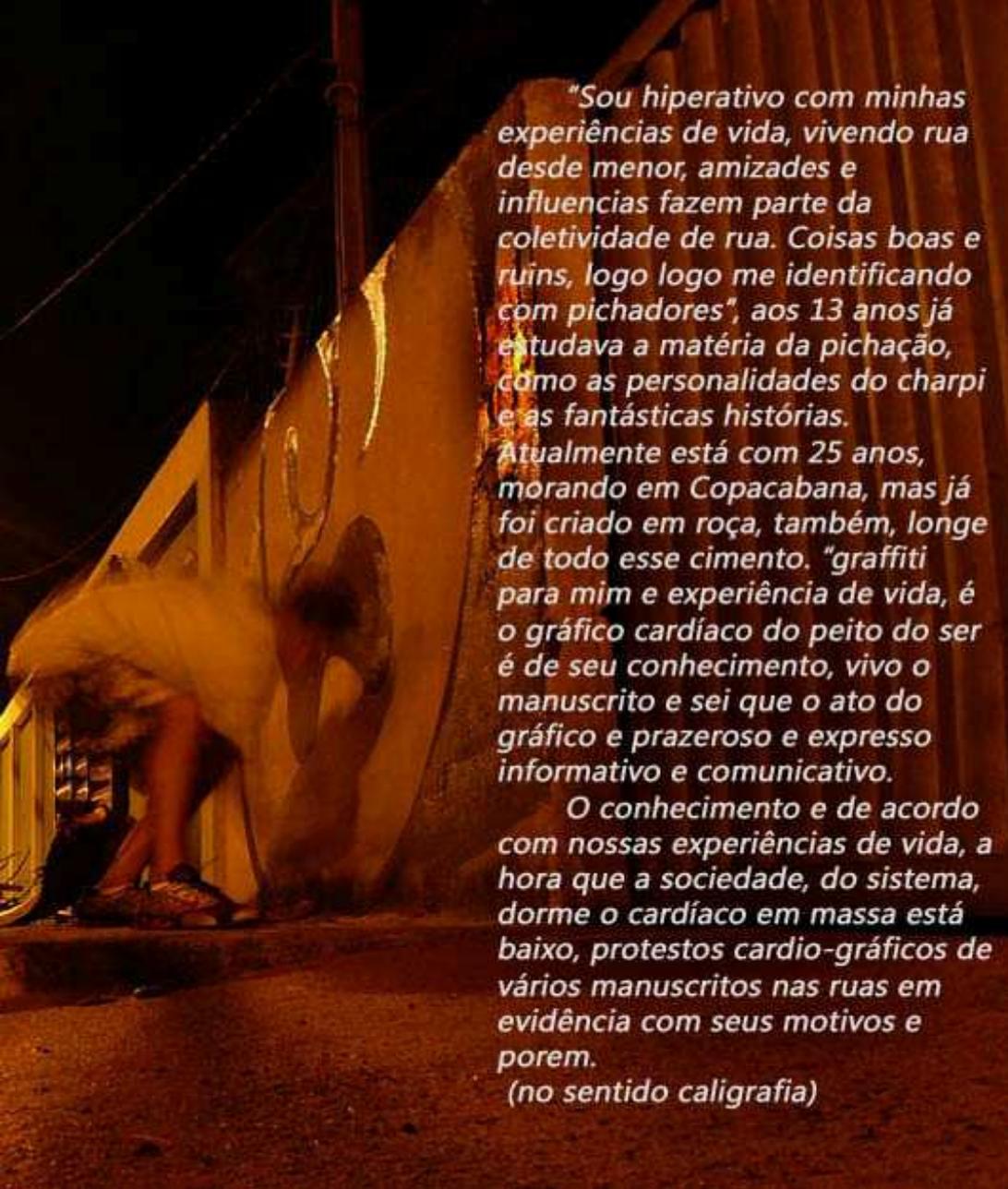
anúncio aqui:

revista40mb@gmail.com



CLOVE



A photograph of a person sitting on the ground in a narrow alleyway at night. The person is wearing a white t-shirt and dark shorts. The alleyway is illuminated by a warm, yellowish light, possibly from a street lamp or a nearby building. The walls are made of corrugated metal and concrete. The person is looking down, and their hands are resting on their knees. The overall atmosphere is somber and contemplative.

"Sou hiperativo com minhas experiências de vida, vivendo rua desde menor, amizades e influencias fazem parte da coletividade de rua. Coisas boas e ruins, logo logo me identificando com pichadores", aos 13 anos já estudava a matéria da pichação, como as personalidades do charpi e as fantásticas histórias.

Atualmente está com 25 anos, morando em Copacabana, mas já foi criado em roça, também, longe de todo esse cimento. "graffiti para mim e experiência de vida, é o gráfico cardíaco do peito do ser é de seu conhecimento, vivo o manuscrito e sei que o ato do gráfico é prazeroso e expresso informativo e comunicativo.

O conhecimento e de acordo com nossas experiências de vida, a hora que a sociedade, do sistema, dorme o cardíaco em massa está baixo, protestos cardio-gráficos de vários manuscritos nas ruas em evidência com seus motivos e porem.

(no sentido caligrafia)





400ml: *Como foi teu primeiro contato com a arte de rua?*

Gloye: Com pichações, tipografias em geral no automático com o tempo, criando formatos mais objetivos de acordo com a informação que tinha na época e então um dia vi uma matéria com Fabio Ema e que na foto havia um celular, era do mano Diego (Digo) combinamos o local e ele me apresentou toda rapaziada e o sobrados onde Ema atuava e assim conheci toda magia do graffiti São Gonçalo.

400ml: *Quem é do Rio, vê que tu atua muito no vandal mesmo, tem uma explicação pra isso, vem desde o seu começo?*

Gloye: Com certeza! A maioria das vezes que eu chegava em SG era com a camisa da escola, pública, e sem grana desenrolava tinta no sobrados. Um, dois às vezes até três tubos, com pouco já dava para estruturar o tal bomber, tipografia >>>

rápida e de volume, pouco elaborada, mas de potência, conhecida também como letra balão, bolha, gorda, etc. Minha condição até hoje continua sendo essa, poucas tintas, o que mudou foi o tempo do laçado.

400ml: *depois de conhecer o sobrados e vivenciar o início do graffiti no Rio, não deixou o charpi de lado?*

Gloye: Liberdade de expressão e isso, traços complexos ou objetivos a ocasião faz o traçado, um bomber e um belo de um piche, com proporções de visibilidade maior e é apenas uma das infinitas modalidades gráficas, acho eu.

400ml: *E o que você busca passar através da tua arte? Dos seus bombers?*

Gloye: O ponto fixo a expressão do meu momento e em seguida, vida desde cores até formatos, sendo um fato e existindo!

glaze



e coisas extraordinárias certo?! Evolução mesmo, mas há personalidades e personalidades; Cope2 está ai até hoje pregando o bomber ele não e maluco ele sabe o que está fazendo. Tenho medo de falar coisas que não devo é porque sai no automático. (risos)

400ml: E o que mais tu recorda dessa época?

Gloye: Parecer normal um adolescente por a mochila no chão e fazer uma pintura absurda! Isso lá era normal, lá por alcântara, "fodão mermo" dizia: Como eles fazem isso com spray?! Porra, também quero! (risos)

400ml: E o que leva dos princípios que aprende nas ruas?

Gloye: Que a rua é de todos, onde nos comportamos como se não estivéssemos em casa, no ritmo de cada qual, pessoas boas e ruins, convictos de atitudes tomadas. Pena que pré-conceitos e injustiças acontecem ao respirar. Pares de olhos famintos estão observando, respeito e para quem tem! Todo pichador é um graffiteiro, mas nem todo graffiteiro é um pichador; Falo do Rio de Janeiro.

400ml: O que de pior a rua te deu?

Gloye: Levar alguns amigos!

400ml: Brigas, policia, seguranças?

Gloye: Ossos do ofício, não é mérito algum, mas fazer um estudo do local para evitar contra tempos e bom!



Na pedreira de Lorangeiras com Coé.





" GRAFFITI: FILOSOFICAMENTE, ACHO QUE É O GRÁFICO CARDÍACO DO PEITO DO USUÁRIO! "

400ml: E tua família, como se encaixa nisso, eles sabem do Gloye?

Gloye: Realmente quem tem que saber está ligado não-deixa de ser uma identidade!

400ml: E por que correr todos os riscos que a madrugada da rua trás, ainda vale a pena?

Gloye: Não é questão de valer a pena, a rua é a imprescindível da sobrevivência e nela aprendemos a atravessa-la, com ginga e respeito, fatalidades acontecem! >>>



normal para qualquer, não fazendo mal algum, pessoalmente a alguém. O que me resta é descarregar protestos dessa forma, metendo tinta!

400ml: Além de servir como tua válvula de escape, o que tu busca conquistar através da arte?

Gloye: Equilíbrio, sendo arte terapêutica.

400ml: O que mais gosta de pintar?

Gloye: De tudo um pouco, da necessidade a ocasião na condição.

400ml: Para você o que é graffiti?!

Gloye: Filosoficamente: O gráfico cardíaco do peito do usuário (spray); Tanto quanto a pichação.

Valeu Gloye, agora o espaço está aberto pra você!

Gloye: SALVE ACME, SALVE EMA, SALVE ECO, SALVE DIGO, SALVE FUNK, SALVE BORIS (finado), SALVE REIS, SALVE SIRI, SALVE INACIO, SALVE DENT, SALVE AIRA O CRESPO, SALVE TODAS AS CREWS QUE CORREM E FAZEM ACONTECER INDEPENDENTE DE BAIRRO OU ZONA. A VIDA É UMA E NEM GATO TEM SETE. MUITA SAÚDE E PAZ A TODOS QUE ACREDITAM NA BOA VIDA EXPRESSIVA.





O que é graffiti?!

O graffiti pra mim é uma coisa que vem das ruas, é algo que dinheiro nenhum no mundo pode comprar.

Para ser graffiteiro tem que amar o que faz independente de estilo, letra ou personagem.

Tem que ter o comprometimento com a rua.

O amor pelo que você faz é o que te fortalece e o que te mantém em pé.



fotolog.com/mezik_flops
flickr.com/photos/mezikflopers

Salvador - BA

É difícil encontrar uma classificação para o que é graffiti. Em primeiro lugar não sou ninguém pra explicar o graffiti, porém na minha trajetória construí uma idéia que no inicio era um pouco diferente do que penso hoje, não entendia nem o que era o graffiti no inicio desta atividade em SG pelo fato de não ter orientação de ninguém, acreditava que tudo que estava nas paredes da cidade era graffiti, não conhecia técnica nem materiais, cheguei a confundir a aerografia com o graffiti, mas mesmo com toda minha falta de conhecimento comecei a fazer graffits descobrindo futuramente o que era graffiti pra mim, descobri que não existe uma origem plausível do que é graffiti mais existe uma identidade, nem tudo que esta nas paredes é graffiti, nem tudo que se utiliza técnica de graffiti é graffiti.

Vejo que tem muita gente que esta começando hoje com uma ideologia errada do graffiti, as pessoas acham que o graffiti é um desenho bonitinho em 3D, algo que agrada a elite manipuladora conhecida como mídia, os malucos querem fazer graffiti porque tem alguém na área dele que faz graffiti muito bem, e é ai que começa a banalização do graffiti, os doidos querendo ganhar dinheiro com o graffiti comercial, o que pra mim não passa de propaganda, em fim se não esta nas ruas e não é feito com spray, rolinho ou látex, não é graffiti, se for exposto em galerias pode ser uma pintura com técnica de graffiti, se estiver na vitrine de lojas, não é graffiti, é propaganda com técnica de graffiti, nada contra fazer trampos comerciais com técnicas de graffiti, até porque eu faço as vezes, mas o que não pode acontecer é a má divulgação de que o graffiti é uma peça comercial, porque comercial são os graffiteiros. Um bomber nas ruas é muito mais graffiti do que meus desenhos e letras em 3D, graffiti é rua, e se não é rua é modinha.

Paz a todos.
fotolog.com/galsg
São Gonçalo - RJ



Porque que você é grafiteiro? Qual a função de ser grafiteiro? Se você pergunta isto a um grupo "X" de simpatizantes do graffiti todos estes responderão SIM em alto e bom som, mas, se parar para pensar na idéia, ou seja, se realmente são ou não são grafiteiros, a história muda de figura.

Lembrando que o graffiti surgiu com um Q de manifestação, protesto, vandalismo e todos outros gêneros agressivos dignos da juventude, mas atualmente alguns fatores foram deixados de lado.

Hoje, assim como tem uma quantidade exorbitante de MC's, você acaba tendo uma quantidade enorme de "Grafiteiros" espalhados por todo canto, dependendo do contexto cultural é claro, o grafiteiro acaba sendo bem visto socialmente, pois criou-se a idéia de que o Grafiteiro é bom e o pixador é mal, sendo assim, você tem uma gama formada destes tais "grafiteiros bonzinhos", os bem aceitos.

Claro que tudo isto se deve pelo simples fato do HIP HOP e seus elementos terem sido incluídos no mundinho da moda, Hip Hop é sinônimo de moda, logo, todos os seus elementos acabam indo no pacote, ta na moda falar que é rapper, que é dançarino, que é grafiteiro e vai por aí. Você tem referências do graffiti, na TV, nas latas de Nescau, no Big Brother, nas roupas e cada vez menos nas paredes.

Daí você pergunta, Porque você é grafiteiro? O cara responde, porque minha mãe entende melhor que sou grafiteiro e não pixador, porque as meninas na minha escola reconhecem meu bomber na rua e tantas outras respostas fascinantes que você vai adquirindo nos diálogos da vida.

Prefiro manter a linha racional de que o graffiti vai mais além, vai bem mais além, não há nada que substitua o prazer de expressar pensamentos e questionamentos através de uma parede suja de um gueto, de uma viela, favela.

Para os ouvintes do Hip Hop que curtem Cabal, Candy Shop (50 Cent) Túlio Dek com Nx Zero, assim como para os grafiteiros das "antigas" que nunca pintaram um muro, uma letra, um bomber, busque novas respostas, busque novas possibilidades, penso que esta manifestação chamada Hip Hop tem uma outra funcionalidade, um outro objetivo.

Que o graffiti volte pra parede, que os Cap's voltem a protestar, aí sim, teremos num futuro não tão distante, o graffiti vá muito além do local onde está, muito além.

Paz a todos

fotolog.com/genedografitte

São Gonçalo - RJ



São obras abertas, pois qualquer pessoa pode adicionar algo ao que já está no muro, dando continuidade à conversa silenciosa ou sobrepondo outras. Espécie de palimpsesto. A variedade de elementos e a pluralidade de temáticas abordadas neste procedimento é quase infinita.

Mesmo que se encontra ainda à margem do contexto urbano o graffiti promove uma formação de rede significativa nos grandes centros. Esta conexão é característica essencial tanto da pichação quanto do grafite. Ambos se esbarram em sinônimos de seus significados. Acontece de um graffiti em um determinado muro dar início a vários outros, provocando uma seqüência com estilos diversos. Esta convivência nem sempre é pacífica, pois pode ocorrer de um grafiteiro "cobrir o trampo" do outro, tornando-o inexistente, ou invisível para nossos olhos (chamado "atropelamento" ou "o ato de atropelar").

O muro é um suporte e um lugar democrático, não exclui ninguém, nem idéia alguma. A mensagem nos muros quer, sempre, dizer alguma coisa a alguém, pará-lo por alguns instantes, e isto influencia diretamente na formação de seus significados. Às vezes, a intenção é também atingir um grupo específico através da invasão de territórios urbanos. Em outras situações, pode ser simplesmente despertar um estranhamento com relação ao espaço ocupado. E então ele se dirige a todas as pessoas que passaram, passam e passarão pela sua obra, indistintamente. Pode ser, também, que estas manifestações não desejem expressar nada em específico, e pretendam ser somente algo significativo.



RETS



Desde pequeno, em Porto Alegre, fiscurado por desenho, "sempre fazia nomes, inventava marcas de roupas, logos e fazia desenhos para a galera da minha escola, do tipo: "fulana e ciclano se amam"! Hoje, depois de muitos anos, e muitas viagens Reis é um dos graffiteiros mais ativos do Rio, Juiz de Fora.

Mas além de pintar muro o cara também atua em todas as outras vertentes do movimento hip-hop. Fez parte da GBCR, grupo de break da Rocinha, RJ. Hoje é um dos membros do Atari Funkerz sempre e coordena e dá oficinas de graffitis no complexo do Maré.







400ml: Como foi o teu começo na arte de rua?

Reis: Eu sempre fui fissurado em desenhar desde pequeno, sempre fazia nomes, inventava marcas de roupas, logos e fazia desenhos para a galera da minha escola, do tipo: "fulana e cicrano se amam"! Mas nunca pensei que existia uma cultura por trás disso (graffiti). Era mais ou menos 1993, quando eu comecei a andar de skate e via nas revistas as pistas pintadas com graffiti. Então, me interessei, mas as referências em Porto Alegre eram poucas, limitadas. Comecei a desenhar na época e, em 95, levei o graffiti para os meus amigos e todo mundo começou a desenhar, mas ninguém tinha pintado com spray ainda, só eu tinha feito uma parada com uma lata perto da minha casa.

Em 98, vim morar no Rio e conheci o Ema e Ales e eu mal sabia pintar. Então, comecei a entender a Cultura Hip Hop, os elementos que a constituía e que o graffiti fazia parte dela e tudo mais. Em 99, dei minha primeira oficina de graffiti na favela da Rocinha, que marcou minha trajetória como arte-educador em projetos sociais. Aprendi muito, procurando sempre me especializar nessa área, pois amo dar aulas!

400ml: Você que vive e pratica todas as vertentes do hip-hop; Após toda a mudança que ocorreu no graffiti você ainda o considera como parte do movimento, como era quando ele surgiu nos EUA?

Reis: Sim, com certeza. Através daquelas pessoas que passaram por mais discriminação do que a gente passa hoje que se construiu todo esse mercado, com facilidades, espaços, mídia e respeito. Hoje >>>





qualquer um pode sair dizendo que é um escritor de rua, mas na década de 70 eram gangues de verdade e não o que se entende, atualmente, como "crew". Mas também respeito as pessoas que não são ligadas diretamente com a cultura Hip Hop, penso que todos têm liberdade para escolher suas culturas e meios de convivência.

400ml: *Fale mais sobre sua relação com as outras vertentes do Hip Hop?*

Reis: Sempre fui atuante e fiel a cultura Hip Hop, pois a partir dela construí diversas amizades e contatos que resultou no que muitas pessoas vivem hoje. Sempre desenhei, mas quando vim de Porto Alegre para o Rio comecei a conhecer as pessoas que realmente faziam parte dessa história (Ema, Eco, Akuma, Ales, Scrau). Depois de um ano da minha chegada, já pintando, iniciei meus primeiros passos no break no GBCR (Grupo de Break Consciente da Rocinha) onde atuei durante quatro anos com uma diversidade de trabalhos. Amo dançar e pintar, mas no momento estou me recuperando de lesões no joelho por conta da dança. Em breve pretendo voltar a atuar como B.Boy e manter meus projetos nessas duas linguagens.

400ml: *Pertence a alguma crew hoje?*

Reis: Sim. Desde o dia 5 de março de 2003, o que para mim é uma data histórica, criei junto ao meu melhor amigo, Jagal (que desde 2007 não se encontra fisicamente em nosso meio). Instituímos um grupo do qual me orgulho pela proposta e pelas pessoas que passaram por ele, o Atari Funkerz. Muitos acham que é uma crew só de >>>



b.boys, aliás, não gosto da palavra crew para identificar meu grupo. Somos uma equipe que une diversas vertentes do Hip Hop, grafiteiros, MCs e DJs que trabalham em parceria ou se identificam com a nossa proposta que é inovar, mudar. Hoje em dia tenho orgulho do que consegui construir junto do Jagal, trabalhos que nunca vão parar, pois sempre damos espaço a nova escola que surge dos alunos que se formam nos projetos em que participamos. Atari Funkerz sempre!

400ml: Como nasceu o Grupo Atari Funkers, o que buscam trazer?

Reis: Em 2003, com a minha saída e do Jagal do grupo da Rocinha tínhamos uma necessidade de transformar a situação do Break. Com novas idéias e propostas que, até então, não eram aceitas no contexto geral, uma vontade de criar e de buscar pessoas que pensassem como nós e tivessem um estilo diferente. Assim, no dia 5 de março de 2003 nasceu o ATARI FUNKERZ.

400ml: Fale sobre "UOU".

Reis: Na verdade, "UOU" é somente mais um nome em que me identifico entre inúmeros que escrevo nas ruas. Muitos perguntam: O que significa? Simplesmente é o grito que as pessoas que já presenciaram uma batalha de Break ou de MCs escutam quando acontece uma situação "f...", UOU! Tenho outros nomes além de Reis, como Poluir, Miro, Locomia, BUG UG, Cartel'79, Galax, Goma, Gordon, Raja e por aí vai. Não me prendo a "Reis" como uma coisa eterna. Gosto de estar sempre me desafiando, conhecer meus limites e me ultrapassar para construir uma evolução na escrita.



400ml: Já expôs seus trabalhos?

Reis: Em 2007, organizei com dois grandes amigos meus (Ileso e Oco) de Juiz de Fora/MG uma exposição no Centro Cultural da cidade, chamada 1 Coletivo. Gostei muito do resultado final, apesar de ter sido um ano em que perdemos a pessoa que me apresentou Juiz de Fora e fez esse intercâmbio, Jagal. Com certeza não cruzamos nossos braços e fizemos um dos nossos melhores trabalhos em um lugar que gosto muito. Também organizei junto aos meus >

alunos da oficina de graffiti no Complexo da Maré, onde trabalho há oito anos, exposições dos seus trabalhos e fiquei muito satisfeito.

400ml: Carrega alguma influência?

Reis: Admiro diversos trabalhos pelo mundo, mas me identifico muito com Titi Freak (SP), Vulto (POR), Puipei 80 (RJ), Magoo Ilegal (SP), Cycle (NY), R2Ó (RJ) e outros. Gosto muito de letras. O graffiti da Espanha me agrada muito também, sou >



um cara bem variado em relação as novas tendências, mas tudo é valido como conhecimento.

400ml: *Nesses 10 anos atuando com crianças (jovens ou adultos) qual é a principal mensagem que você busca passar?*

Reis: Lidar com a educação no Brasil é um assunto bastante complicado e eu sempre busquei fazer essa ligação de arte com educação. Somente arte em si, sem uma >

base sólida de conceitos e conhecimentos para enfrentar um sistema totalmente contrário as populações de baixa renda, é difícil. Precisamos ser fortes em todos os sentidos e lutar de igual para igual, a educação tem que ter esse papel de atuação bastante coeso. Não existe uma única mensagem e, sim a todo o momento a necessidade de estar preparado para as condições que são oferecidas e correr atrás de seus objetivos, o meu objetivo é formar adolescentes que tenham um propósito, independente se >>

eles vão seguir fazendo graffiti ou não, mas que tiveram oportunidades e foram valorizados, além de abrir um campo aberto de conhecimentos que constrói jovens capazes de discernir sobre o mundo desigual que vivemos.

400ml: Qual é o perfil dos alunos?

Reis: Os alunos são de classes populares e não há nenhum tipo de distinção de quem queira participar da oficina. Os adolescentes, principalmente, têm bastante dificuldade no seu processo escolar, com a família e em situações cotidianas que uma comunidade enfrenta.

400ml: Como é ser um professor de graffiti, ensinar arte de rua?!

Reis: Eu não me considero um professor, mas um educador com experiências que me fazem refletir e entender, claramente, o que meus alunos enfrentam, pois já passei por isso ou ainda passo. A meu ver, ser educador de graffiti é muito mais do que ensinar arte, que hoje se encontra num modismo passageiro, somente quem vive disso sabe das dificuldades que estou falando. Amo dar aula, e agradeço muito pelas pessoas que acreditam na minha capacidade, desenvolvida ao longo de oito anos no projeto no Complexo da Maré. Me vejo de certa forma um vencedor, com uma longa batalha, mas sem desistir dos meus ideais e conquistas como profissional. Dificuldades sempre existirão e minha visão como educador nessa área é de formação desses jovens.

400ml: Quais dificuldades você encontra como educador?

Reis: Tenho plena consciência do meu papel e o enfrento em diversas situações como, perder um jovem para o tráfico, pois o meu tempo com ele é menor do que o dele em outros lugares ou sofrendo a pressão dos pais para que eles possam trabalhar no sustento da família.

400ml: Valeu! Muito obrigado, REIS! O palco está livre para você, fique a vontade para seus agradecimentos!

Reis: Gostaria de agradecer a tanta gente por eu estar aqui hoje, pessoas que fizeram parte dessa história, umas que partiram como meu "amigo de verdade", Jagal, de quem tenho muitas saudades. É difícil esquecer o quanto sua presença marcou minha vida e de muitas outras pessoas.

Agradeço a Deus e aos meus avós, por quem tenho muito carinho, apesar de não estarem mais aqui, por toda a educação que eles me proporcionaram e por eu ser quem eu sou hoje. A minha família, ao Atari Funkerz, a REDES da Maré e as diversas amizades que conquistei no Complexo da Maré e na Rocinha, onde morei durante um tempo e pude apresentar o graffiti. Agradeço a JFCrew de Juiz de Fora também por todas as conquistas que tivemos, pois é uma galera que conheço há 10 anos e a todos que hoje posso compartilhar de diversas situações dentro da cultura urbana.

Muito obrigado por essa oportunidade de apresentar algumas de minhas experiências e estarei sempre à disposição para contribuir com o trabalho da 400ml. Um abraço a todos que leram essa matéria e muito sucesso para vocês! 100pre!!!





foto: SOFIA CHERRY (QUILMES/ARGENTINA 2008)





MARKONE

TATTOO GRAFF STYLE

www.markone.com.br

(11) 9817-0220

São Paulo/Brasil



dj MAKO

400ml: Quando e como voce descobriu o HipHop/Rap? E porque curtiu tanto?

Mako: Comecei a ouvir mais no início da década de 90. Ouvia uns rock, antes quando pivete até que um dia ouvi o Walk This Way, que era Aerosmith e Run DMC. Depois disso comecei a ir atrás de uns raps, descobrir outros grupos, gringos e nacionais. Ouvi muito rap nacional tipo Racionais, RZO, Potencial 3, Duck Jam e Nação Hip Hop, Athaliba e a Firma, Sistema Negro, Thaíde, e vários outros. De gringo eu comecei ouvindo 2pac, Snoop, Dre, mas logo parei de ouvir gangsta e só ouvia NY tipo Wu-Tang, Das EFX, Public Enemy, Lords of The Underground, Onyx, Smiff-N-Wessun, Heltah Skeltah, Diamond D, Lord Finesse, por ai vai. De primeira o que me chamou mais a atenção era as batidas e o jeito que era passado as ideias, as rimas, letras, o jeito de vestir foi tudo.

400ml: O que chamou tua atenção pros DJs, quais foram suas influências e quais DJs te inspiraram?

Mako: Quando pivete eu dançava break e colava em umas festas que eram da colonia, japonesa, a maioria das pessoas eram orientais e os DJs lá não faziam scratch e tocavam rap raramente, nessa época eu andava de skate também. Um dia eu conheci o Deng, um amigo que não vejo faz tempo, ai comecei a colar em vários shows e festivais de rap que rolavam em SP e algumas cidades do interior. Sempre nesses shows via vários DJs fazendo scratch e achei bem louco, o Deng me apresentou o Cia, na época e nem tinha toca disco ai colava quase todo final de semana no estudio dele para ficar treinando e colava nos ensaios do RZO, no Helião. Influências foram várias, vou falar alguns brasileiros e gringos, mas a ordem não tem nada a ver; King, o Cia mesmo, Jam jam, Nuts, Loo, Qbert, Rob Swift, Roc Raida, Riz, Kid Koala e muitos outros, cada um em certos pontos.

400ml: Como foi a caminhada para aprender a tocar?

Mako: Eu não tinha toca discos ainda, mas comprava uns discos. colava no Cia direto, ficava o Evertom (DJ Tom), Wagner (DJ Tampa) e Beto (DaMente) e eu, treinando scratch, batidas, outras técnicas. Com o passar do tempo, cada um está no seu corre e acaba se *trombando* menos, na caminhada conheci vários outros DJs como o PG (Elo da Corrente, Mamelo Sond Sistem), o Tano (Záfrica Brasil), o Primo, o DJ Marco (que está trabalhando comigo agora), e sempre trocamos >>>

idéia sobre música, técnicas, sobre várias coisas e você vai aprendendo sempre. Ainda tenho muito para aprender.

400ml: *Agora você toca no SUBSOLO, a galera tá curtindo muito também; como tá sendo viver esse momento? Fala um pouco das parcerias que você já fez, com quem e como foram?*

Mako: O Subsolo está sendo uma experiência muito boa para mim, pelas pessoas do grupo, pelo formato, o CD Ordem de Despejo, que lançamos no final do ano passado, em vários sentidos. São 7 MCs e um dj, tem o Lumbris, Congelado, Kamau e eu, que somos daqui de SP, Shaw, Xara e Pai Lua do RJ e Materia que é de MG. Oito cabeças trabalhando, correndo atrás do que a gente acredita e fazendo de coração.

Sou DJ do Akin, hoje estamos aí fazendo show, trabalhando no disco dele e fazendo umas festas como a Jazz It Up! e Subverso.

Estou fazendo show com o Shaw também; Graças a Deus estou com vários projetos com amigos. hoje em dia, estou dando

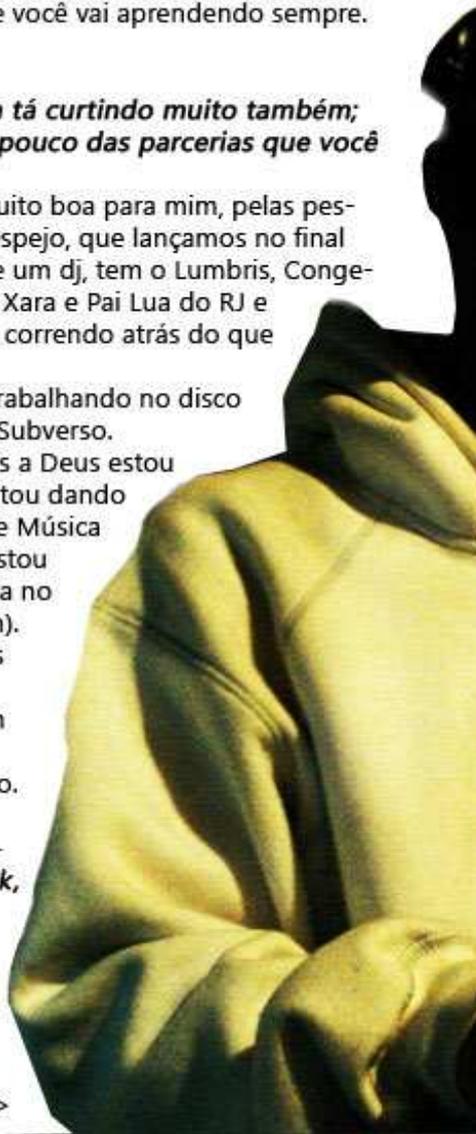
aula de discotecagem num curso de Produção de Música

Eletrônica na Universidade Anhembi Morumbi. Estou gravando uns scratches e vai sair uma base minha no CD solo da Lurdes da Luz (Mamelo Sound Sistem).

Outro projeto com Old Soulz, um coletivo de uns gringos que saiu um beat meu numa coletânea chamada Jazzlicious. Faço uns tramos de design como a capa do CD do Elo Da Corrente - Após Algumas Estações e o lay-out da capa do Subsolo.

400ml: *O que você acha da cena atual do hip-hop/rap mundial? como ve essa onda do black, essa nova geracao de muleuques e gangsta "bling bling" usando GRILLZ!*

Mako: Eu acredito que o rap mudou bastante, uma grande parte dos meus amigos que ouviam rap, escutam mais os raps antigos, ou hoje em dia nem escutam rap mais. Escutam jazz, samba, MPB, etc. Apesar de eu não ouvir muito essa >>>





onda do Black "como você falou, não tenho nada contra e sei que posso achar coisas boas, mas eu estou ouvindo outras coisas mesmo.

400ml: *O que você ouve hoje em dia, de atual, clássicos? o que você descobriu de som novo bom?*

Mako: De rap gringo, estou ouvindo mais os clássicos mesmo, 90s, mas tem muita coisa boa hoje também como Flying Lotus, John Robinson, Q-Tip (novo) bem louco, Pismo, que conheci há pouco tempo, alguns raps japoneses também que acho bom. Fora rap estou pegando vários discos de jazz e funk também, estou viciado. Tem muita música boa por aí, muita coisa boa para conhecer.

400ml: *Qual a sua perspectiva para cena do rap daqui pra frente?*

Mako: Essa pergunta é difícil de responder porque mesmo no rap existem várias sub-divisões, várias pessoas e cada um pensa de um jeito.

www.myspace.com/vmakoto

www.myspace.com/akin6378

www.myspace.com/supershaw021

www.myspace.com/subsoloodd





400ml: *Um 'conselho' para os caras que estão na correria, que curtem ouvir, tocar, rimar, dançar um bom hiphop, rap do bom?*

Mako: Eu não sou ninguém para dar conselhos, mas umas dicas é estudar as músicas que gostem, tentar descobrir o porque que tal música te chamou atenção, entender mesmo, ouvir bastante músicas boas, ler livros e para você ficar bom em qualquer coisa, discotecagem ou escrever. é só treinar, praticar muito.

400ml: *E fica um espaço aberto para você agradecer, mandar tua mensagem, falar o que quiser para "nois" da revista, para galera que vai ler, que curte teu som, que não são poucos fique sabendo, seu humilde! (risos)*

Mako: Valeu, vocês pela entrevista, pelo espaço, achei bem louco a idéia da revista, conteúdo, parabéns!

Quería agradecer também as pessoas que *trampam* comigo, minha família e amigos. Muita Paz!



RETOS



É um cara muito tranquilo, caseiro, que gosto de músicas, carros, arte e grafitti, lógico. Atualmente trabalha com pintura automotiva e também com customização de automóveis, motos, bikes e tudo que estiver ao seu alcance, inclusive parades, é claro!
400ml entrevista:
Retos



400ml: Como você começou a se interessar por desenhar?

Retos: Desde a infância tenho um fascínio pelo desenho e sempre tive vontade de poder fazer aquilo que eu admirava então todo o resto foi consequência, desenhar e criar!

400ml: Como você conheceu e começou a fazer parte da cena do grafitti, de espectador até artista?

Retos: Eu sempre via grafittis pela cidade



admirava demais pelo fato de ser desenho e também uma maneira de arte e ficava muito curioso e querendo obter qualquer informação sobre a origem do grafitti e seus seguidores, foi quando em meados de 1997 conheci meus amigos, Hesso e Nem, ambos grafiteiros que tinham as informações sobre o grafitti que eu tanto buscava e começamos juntos a pesquisar e no mesmo ano iniciamos nossos primeiros "Riscos" nos muros da cidade.

400ml: *Sabemos que seus irmãos também pintam como é essa relação de arte, na tua família?*

Retos: Sou o mais velho de quatro filhos, tirando o mais novo, meus outros dois irmãos sempre gostaram de pintar o inseto e o mio, mas um deles infelizmente veio a falecer num acidente de carro há pouco mais de um ano, o "Mio". Deixando muitas saudades e muitos trabalhos para que fossem lembrados. Hoje só restou >>>

Retos, Musta e Bobi







eu e o *inseto* na arte da família. Sempre nos demos muito bem com essa questão do gosto pela arte, no caso o Grafitti, dividindo idéias, mas cada um com seu estilo, algo que faz parte de nossa vida, assim como nosso irmão "MIO".

400ml: Como você desenvolveu o seu estilo?

Retos: Com a influência de trabalhos que eu gostava, de artistas que admirava e também baseado em muita observação, aos poucos fui assimilando as idéias e encontrando um pouco da minha própria personalidade como pessoa e artista que concluí o meu estilo.



400ml: O que os olhos que você faz representam no seu trabalho?

Retos: Os olhos são posicionados em lugares incomuns para visualizações diferentes do mundo e das coisas que aqui existem, ou seja, outros olhos para outros olhares, outros olhos para novos olhares.



400ml: Por que esse fascínio em desenhar animais?

Retos: Como várias coisas na natureza, os animais, são harmoniosamente bem desenhados e eu me identifico com seus traços, assim como das mulheres, plantas, etc. Natureza.

400ml: E quais foram as suas inspirações?

Retos: No grafitti foram Os Gêmeos, Hebert Baglione e Speto; Na arte: Escher, Salvador Dalí, entre outros; No desenho, bem no desenho, era uma época que eu não me ligava muito em nomes, então é melhor não mentir.



400ml: *Porque não usa a mídia, fotolog, flickr e outras mídias para divulgar teu trabalho, suas pinturas?!*

Retos: Meus amigos já me ajudaram e ainda me ajudam a divulgar meus trabalhos, mas eu sou um pouco da moda antiga, estou ainda me habituando a essas tecnologias, pretendo fazer essa divulgação de uma maneira mais organizada, pois eu vivo interrompendo as postagens, então em breve vou atualizar a divulgação.

400ml: *Você tem uma linha pouco comum nos seus graffitis, há um motivo especial?*

Retos: Tem haver com a visão que tenho das coisas e todas as referências que assimilei com o passar do tempo, aconteceu de maneira natural.

400ml: *Falamos do teu início, mas e agora, a sua visão desde esse começo, no grafitti, até agora, mudou?*

Retos: Na verdade muitas coisas mudaram e consequentemente o grafitti também, assim como a arte em si, pois eles são formas de expressões e de certa forma um reflexo do cotidiano e de todas as coisas que nos rodeia. Portanto de alguma maneira a visão tende a mudar, mas nada que interfira na minha relação com o grafitti.





400ml: *O que você aconselharia para a geração que está começando agora no grafitti, que pegou essa onda grafitreiro-artista-do-futuro, ganhar muito dinheiro e fama?*

Retos: Bom, pra começar muita gente está pegando o bonde andando e já querem ir na janela e também surfando no teto. Alguns pensam que o grafitti é isso, você inventa uma letra e um personagem diferente e começa vender como um produto sem sequer saber o que está fazendo e para que está fazendo. Eu acho que primeiro, você tem que fazer o que você gosta sem segundas intenções. O dinheiro "pode" ser consequência do reconhecimento do seu trabalho e não "deve" ser prioridade, pelo menos de quem está começando. Quem já tem um tempo de estrada é outra história, as conquistas os levam as consequências e o dinheiro é uma delas. Portanto se alguém ai estiver começando a graffitar pensando no dinheiro imediato pode até conseguir o dinheiro, mas outras coisas como o reconhecimento fica meio difícil porque para fazer bem feito tem que gostar do que faz, não fazer pra conseguir o que gosta. Dinheiro?

400ml: *Pintar na rua para você é?*

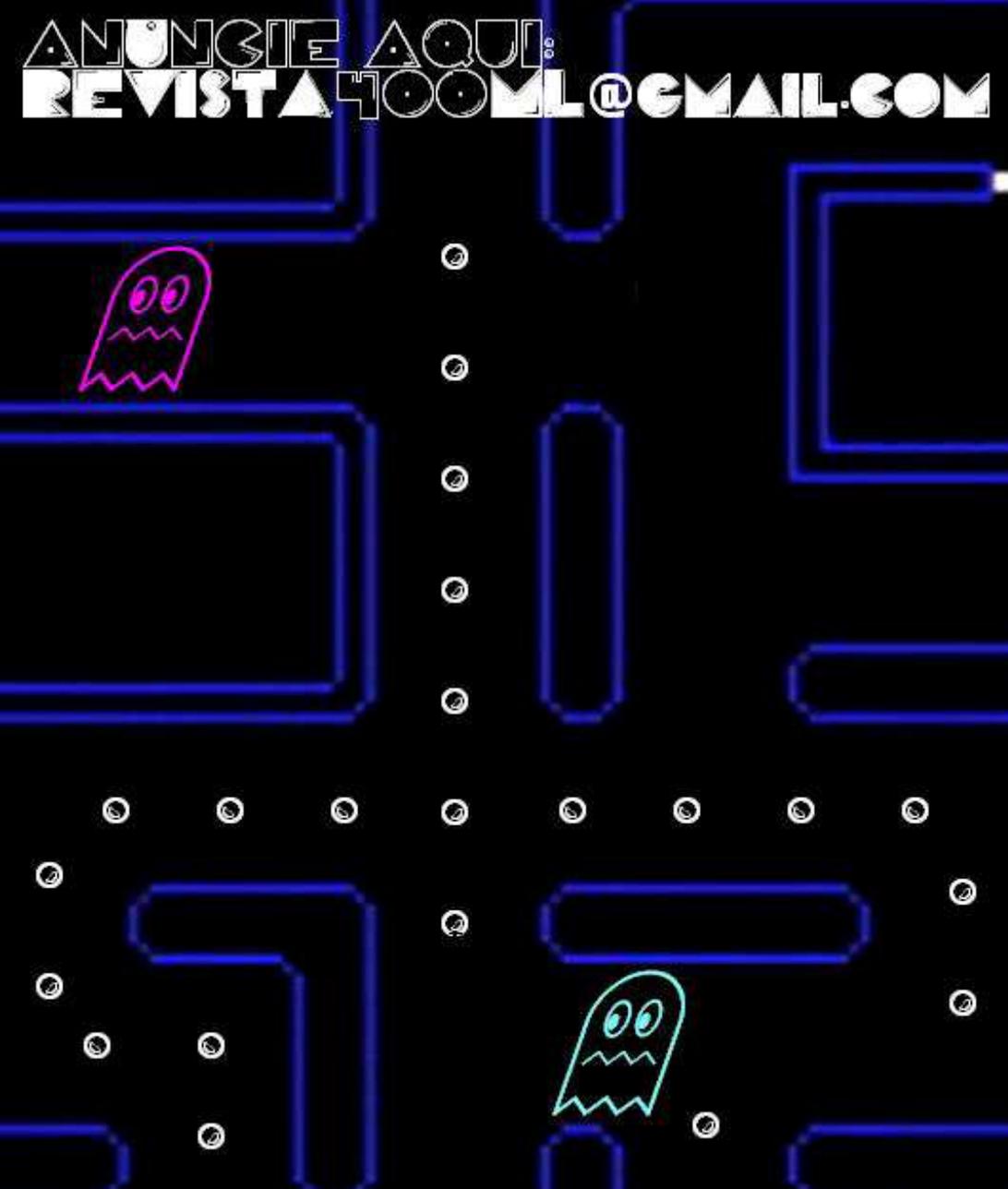
Retos: Pura liberdade de imaginação e criação. Na rua eu me sinto em casa.

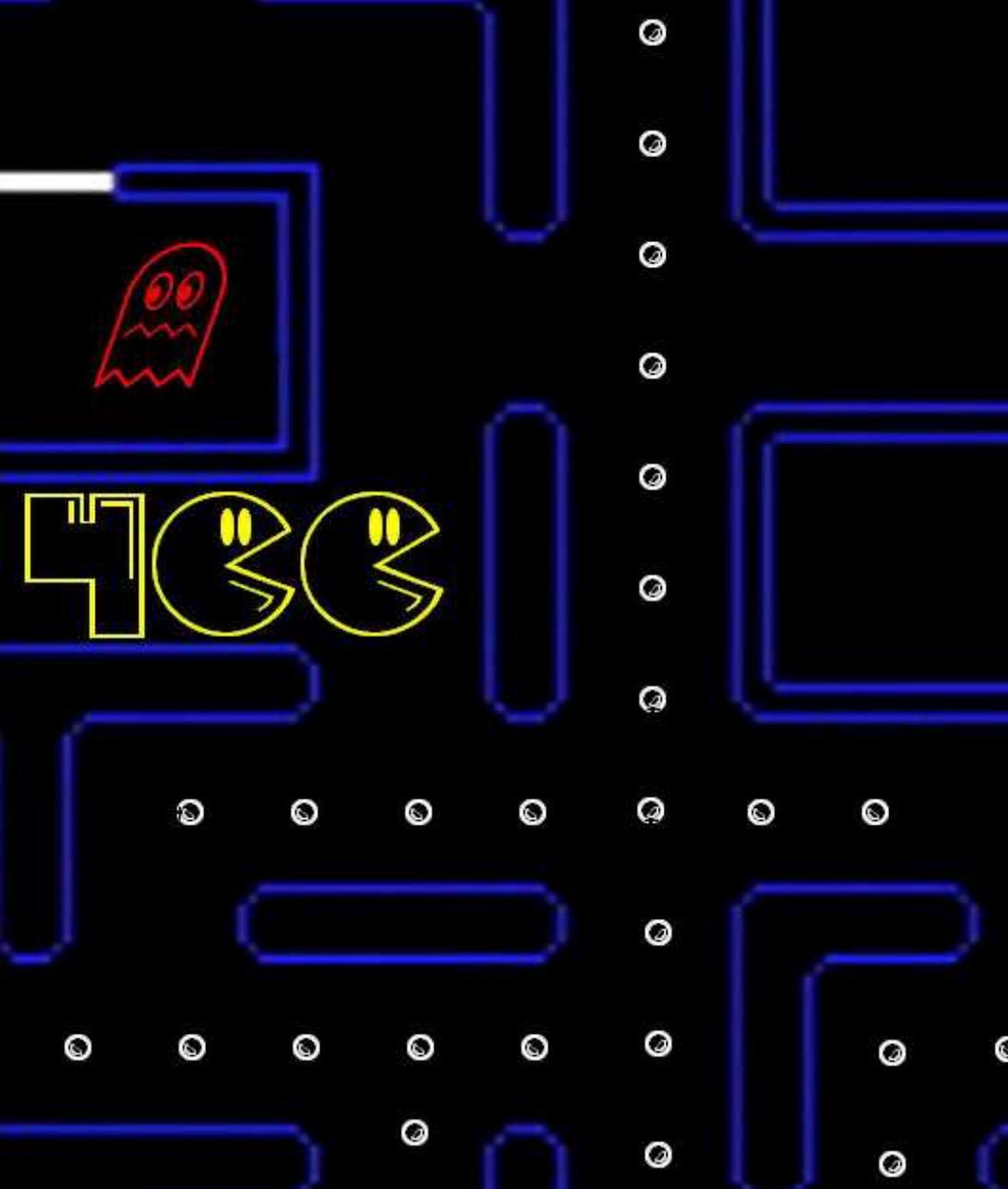
400ml: *Daqui para frente como acha que será, ainda se vê pintando ou está em busca de algo diferente?*

Retos: Pretendo me organizar melhor, pintar mais porque a evolução será consequência. A busca é pela evolução.



ANUNCIE AQUI etc.
REVISTA400ML@EMAIL.COM







Flavio Samelo - Choque Photos - Ração Diniz - Ênio Cesar



Flavio Samelo - Choque Photos - Ração Diniz - Ênio Ces



"Partindo do princípio de que o Graffiti é uma arte efêmera, considero esse o melhor exemplo para ilustrar a importância do trabalho desses artistas, os fotógrafos. Afinal sem o registro não há memórias, Como foi registrado a pixação do Vinga, notícia em todos os jornais, até hoje lembrada por muitos quando o assunto é arte de rua. Há sim a necessidade de registrar o trabalho

Quero preservar a existência deles através de uma documentação histórica. E algo muito importante para ser ignorado é esquecido pelo tempo. Choqué Photos

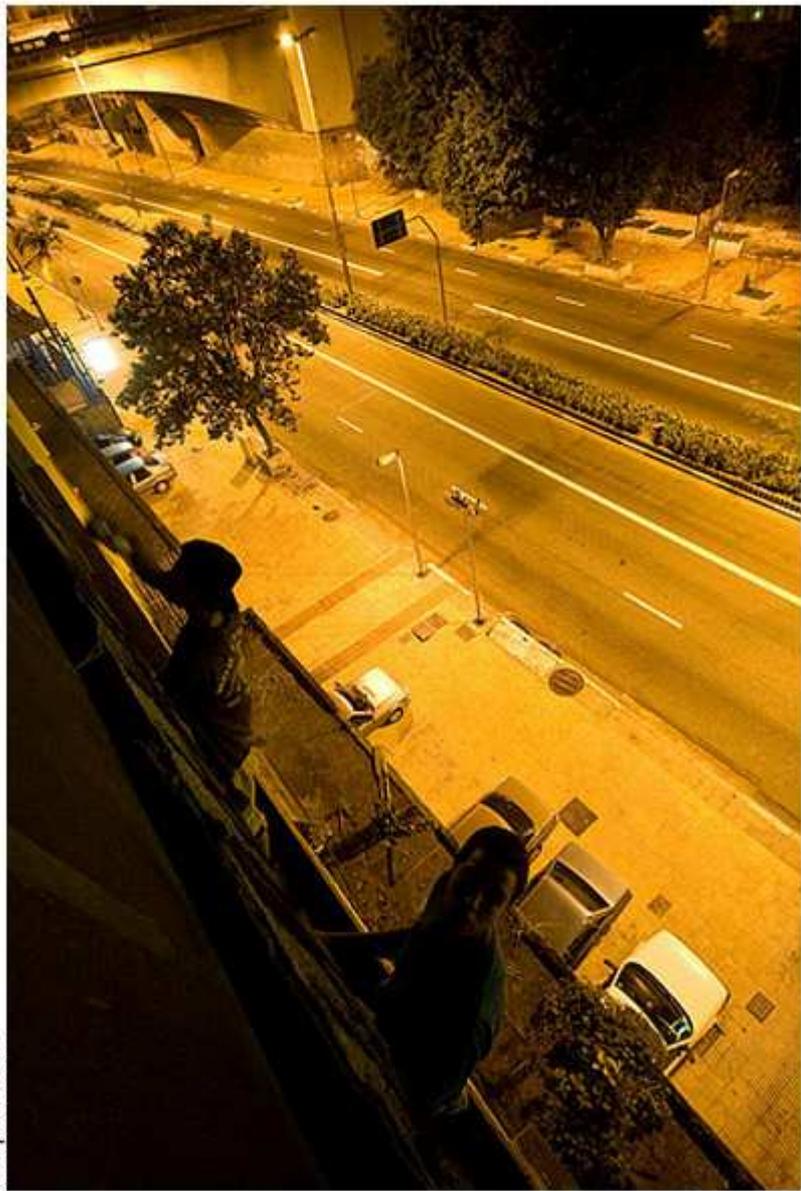
de quem graffita um muro por horas, o mesmo que pode ser apagado em minutos, até segundos depois, foi visto e fica guardado na lembrança, para lembrar e passar à alguém algo tão visual, onde a imagem

fafa mais que mil palavras nada mais válido do que a foto. Para quem vê e para quem pinta, se você pintou e não registrou é como se não tivesse existido, "você fez um graffiti ali?! Fez um bomb no trem?! Se não tirou foto então você não fez!" já ouvi muito isso.

Assim como uma manobra de skate, aquele momento que custou dias, semanas, até anos de treino, dedicação, machucados sem o registro fica a lembrança, se registrado fica a prova.

E com o olhar de artistas como esses uma foto eterniza um momento de forma quase poética. "

Entrevistamos nomes que representam bem a cara dessa geração de fotógrafos que olham para aquilo









que muita gente não olha, mas que é só o que eu vejo... A cena urbana, o cotidiano das ruas, o graffiti, o skate, a favela, a pobreza e a alegria de quem faz parte disso tudo!

Choque Photos, Flavio Samelo, Ratão Diniz e Enio César, do site [ciadefoto](#), deram seus depoimentos e abriram suas mentes para compartilhar o que vai no pensamento de quem abre os olhos e mostra o ponto de vista em imagens, eternizando momentos.

Fotografar ruas, grafittis, pessoas e seus cotidianos parece loucura, talvez realmente seja, uma pessoa normal com uma vida pacata que vivi, mas não enxerga seus detalhes, o mundo. Talvez, uma pessoa assim não conseguiria registrar as particularidades, as belezas e contrastes que a rua nós oferece.

Coisas boas e ruins, demônios e querubins a rua tem para dar, nós coloca a prova toda vez que colocamos a pé para fora de casa,



mas há pessoas que desafiam essas provas, se são marginais ou heróis, artistas ou vândalos não sabemos ainda, o fato é que existem necessidades sociais e enquanto houver essas necessidades também haverá os que as contestam e reivindicam, cada um a sua maneira, cada um na sua função.

A Cultura de Rua como um todo: graffiti, Pixação, tag, sticker, lamb é o maior movimento artístico da história

da humanidade. Houve uma ruptura inédita na história da arte, pois é a primeira vez que um movimento artístico é orquestrado por indivíduos tão jovens, em escala global e tudo feito na ilegalidade. Choque Photos

Mas não estamos aqui para colocar rótulos, muito menos medalhas no peito de ninguém, buscamos, nessa matéria, entender melhor a cabeça desses >>>



caras que documentam e nós mostram a rua e seus personagens, de uma maneira mais real e a principal pergunta é: Por que fotografar a arte de rua?

O que me levou a fotografar esta arte urbana foi mostrar esta linguagem popular, mostrar o momento de produção destes admiráveis artistas. Porque muitas pessoas chegam do trabalho e não vê o

Não gosto de sentir que eu não posso fazer certas coisas, acho que impor limites a si próprio é o que faz o ser humano morrer. Flavio Samelo

processo de realização de um painel. As pessoas já vêem o graffiti pronto, mas não vê o processo. Esta minha busca foi mostrar esta etapa tão importante – a realização da pintura. Isso eu acho demais. Ratoão Diniz

Eu sempre andei de skate, tudo que faço parte e do que eu vivi e aprendi andando de skate. A gente anda de skate na rua e na rua tu tem graffiti, pixação e muitas outras coisas, dai eu comecei a fotografar >>>

pixação e muitas outras coisas, dai eu comecei a fotografar meus amigos andando de skate e meus amigos fazendo graffiti e pixação e por ai vai. Tudo que está na rua está misturado, é aquela clássica frase: TAMO JUNTO E MISTURADO! Acho que a rua é isso, está tudo ali: gente rica, com gente pobre, graffiti, pixação, skate, bicicletas, carros, motos, gente e a coisa toda. Flavio Samelo

Quando fotografa o que busca passar através das fotografias?!

Eu sou meio descomprometido com esse lance do que eu vou passar, fotografo aquilo que me desperta interesse, hoje eu fotografo mais histórias, que acontecem de verdade ou não, às vezes, essas histórias, são invenção da minha cabeça. Enio

O que eu procuro passar nas minhas fotos é um >>>





fortalecimento do cenário do graffiti. Espero que estas imagens produzidas e as que virão possam atingir este objetivo, pois precisamos manter a memória destes trabalhos que daqui a alguns anos se apagaram ou apagarão, e cada vez mais fortalecer e manter esta arte de rua tão admirável, mesmo que em nossas memórias. A fotografia tem este papel, preservação de muitas e tantas outras histórias. Ração Diniz

Não cabe a mim explicá-las, pois a foto tem que falar por si própria, se elas não fazem isso eu falhei como fotógrafo. Choque Photos

Tenho certeza que vocês passaram por várias experiências tensas para fazer essas fotos, gostaria que você contasse alguma delas para mostrar que não é apenas ir lá e pedir para os moleques fazerem "pose de pixador". É real, vocês colam no role mesmo. O que já passaram para eternizar o momento ali?



Flavio Samelo



Flavio Samelo

Certa vez fui fotografar uma ação no Taboão da Serra, periferia da Zona Sul de São Paulo, com os Pixadores G, LPS tgn, JTS rud e se não me engano estava o FAVELAS sla também. Periferia é uma região meio complicada de se pixar e principalmente de registrar a ação. Nunca se sabe onde tem policia ou boca de fumo por perto. Os moleques cismaram de pixar umas janelas de uma casa lá e o vizinho da frente chegou com uma moto, parou na frente vendo nossa movimentação e como os moleques ainda estavam subindo. Provavelmente o cara achou que fosse roubo e não pixação. Embora isso, às vezes, não faça diferença para algumas pessoas, a repressão seria a mesma!

O cara saiu a milhão com a moto e provavelmente ligou para alguém que estava na casa dele, porque em menos de um minuto um cara colocou um "oitão" entre as grades da casa e começou a sapear os tiros >



Flavio Samelo



Flavio Samelo





na nossa direção. Não deu nem tempo de pensar o que estava acontecendo. A reação instintiva foi correr e o cara não parava de dar os pipocos.

Nessa eu e o Rud JTS corremos para o carro e não vimos ninguém atrás de nós. Os moleques que tinham subido ficaram para trás.

Nessa que rolou os tiros a rua inteira acordou e começou aparecer uns birril (Birril ou Pirril, guardinha de rua que fica com apitinho dando volta no quarteirão de bike) e birril de periferia anda tudo armado.

Grafitieiros dão vida aos cinzas de nossas cidades caóticas. Fico feliz quando passo pelas avenidas, ruas e vejo uma pintura resistindo no meio desta poluição.

Katze Biniz

O carro não pegava "nem fudendo" e um dos Pirril começou a vir em nossa direção, quando finalmente conseguimos dar a partida. Saímos a milhão na fuga. O pânico era tanto que nem respirar a gente conseguia direito.

Quando nos afastamos um

pouco do local paramos o carro e ligamos para o Tgn LPS, quando o cara atendeu se liga no que ele falou: "Salve Choque, tô aqui com o proprietário da casa apontando uma arma para minha cabeça, tomamos um pau dos caras e não tão querendo liberar a gente. já te ligo" Como dois dos moleques moravam no Taboão eles conseguiram desenrolar com os moradores e os pirril e foram liberados depois de tomar um pau, mas se fosse em outra quebrada que eles

não conhecessem provavelmente estariam mortos, jogados em algum terreno baldio. Periferia é bem menos pixada do que o centro não é à toa. É a lei do cão que impera nas quebradas! Choque Photos.

Que experiências positivas você tira da vivência e experiência que teve durante esse tempo >>>

Ratão Diniz



Ratão Diniz



Ratão Diniz





fazendo o que você faz?! E teve alguma experiência interessante, curiosa que aconteceu em uma dessas sessões de fotos?

Acho que a maior experiência que eu tive nesses últimos 15 anos fotografando é de não me importar com o que dizem sobre meu trabalho, seja bom ou mal. Eu faço meu trabalho por minha satisfação, gosto daquilo que tô fazendo, se não gosto, que também rola, eu mudo, corro atrás e tento me-

lhorar, pergunto para outros amigos e vou em frente. Não gosto de barreiras, muito menos limites, se um dia me der na telha apenas fotografar, eu vou, se eu decidir começar a me dedicar exclusivamente à escultura, não gosto de sentir que não posso fazer certas coisas, acho que impor limites a si próprio é o que faz o ser humano morrer. Flavio Samelo

Qual sua visão sobre o graffiti?



O graffiti faz parte de um cenário esse cenário é a cidade, a cidade sofre mudanças o tempo todo, um graffiti é apagado outro graffiti aparece, assim como muita coisa nesse cenário, acaba se modificando com o tempo. Pelo menos eu acho isso, vivo a maior parte do tempo nesse cenário e convivo com isso, querendo ou não, assim como convivo com prédios espelhados, prédios antigos, praças, pixação, graffiti....

A visão que eu tenho é essa: O graffiti está lá, ele faz parte desse cenário, ele faz parte da cidade. Em alguns lugares ele cumpre seu papel, outros não assim como todos os objetos na cidade. Enio César

Valeu, Finalizando aqui, muito bem essa matéria, fica o nosso muito obrigado. E deixamos aberto um espaço para que vocês agradeçam, façam um comentário pessoal, deixe a mensagem que >

quiser ao público e organizadores da revista 400ml! OU NÃO! Hehe. Fiquem à vontade! ;)

Gostaria de ver mais graffitis verticalizados e em topos de prédio. São Paulo é uma

● graffiti faz parte de um cenário esse cenário é a cidade, a cidade sofre mudanças o tempo todo, um graffiti é apagado outro graffiti aparece, assim como muita coisa nesse cenário acaba se modificando com o tempo. graffiti ta lá, ele faz parte desse cenário, ele faz parte da cidade. Em alguns lugares ele cumpre seu papel, outros não assim como todos os objetos na cidade. Enio

cidade enorme e vertical e sinto que seu espaço é mal utilizado pelo grafitti. Com Kassab apagando tudo nas principais avenidas, o futuro e sobrevivência do grafitti estão no alto. É só uma questão de disposição e atitude, coisa que não falta em vários grafiteiros de SP. Choque Photos

Eu sou muito grato a todos que me permiti fazer suas imagens

e de seu trabalho. Sou grato pelas pessoas que me dão a maior força neste projeto, que tenho este, como projeto de vida. Acredito que nunca deixarei de produzir esta material. As imagens que produzo penso no retorno aos fotografados, é uma troca.

Espero que todos os grafiteiros estejam representados nesta entrevista! Agradeço ao companheiro Davi que me indicou para esta entrevista e pela oportunidade deste espaço na 400ml.

Ratão Diniz

*Valeu! entrem lá depois, nos sites! Enio Cezar
400ml: Salve Samelo!!!*

Enio César



Enio César



Enio César









Links

Choque Photos:

[_http://www.flickr.com/choquephotos](http://www.flickr.com/choquephotos)

Flavio Samelo:

[_http://www.flickr.com/flaviosamelo](http://www.flickr.com/flaviosamelo)

[_http://www.flaviosamelo.blogspot.com](http://www.flaviosamelo.blogspot.com)

Ratão Diniz:

[_http://www.flickr.com/ratoadiniz](http://www.flickr.com/ratoadiniz)

Enio César:

[_http://www.eniocesar.blogspot.com](http://www.eniocesar.blogspot.com)

[_http://www.flickr.com/enio](http://www.flickr.com/enio)





mídia Web

*criação de sites
loja virtual*

*www.midia-web.com
(21) 26038890*

SAFETY 400ml

envie suas fotos, máximo de 3 por
email, com até 1mb cada, para:
revista400ml@gmail.com
*fotos com nome, local e data!





Bata Davi RJ 08 - New MG 08

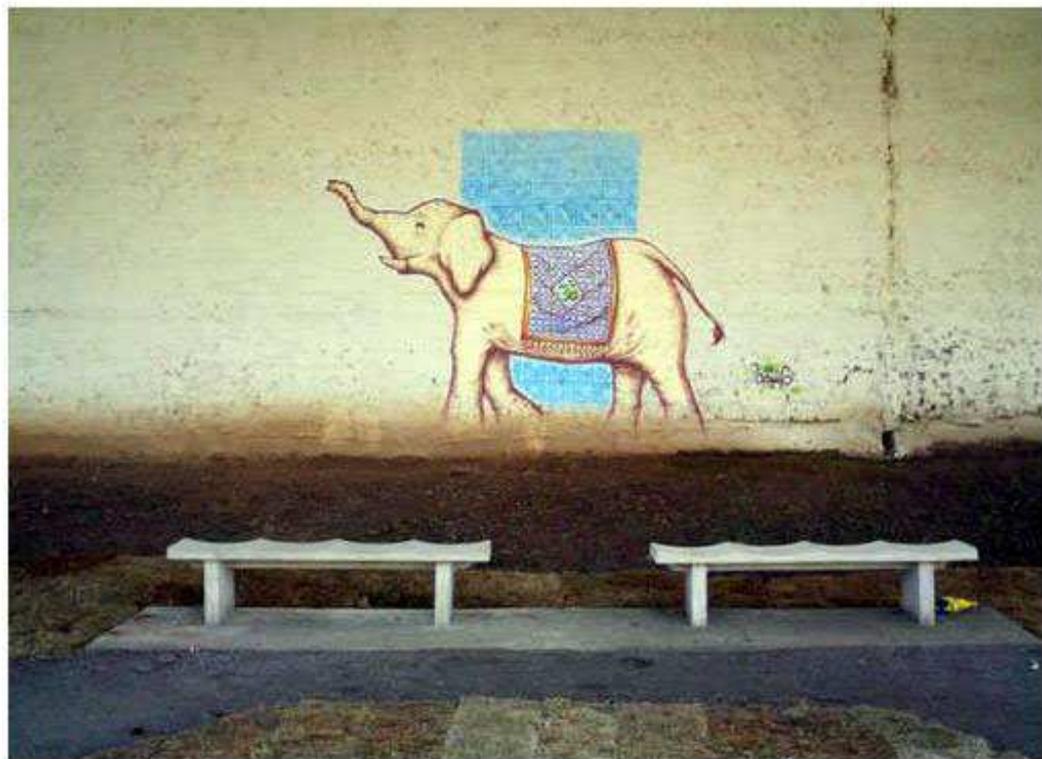


Dee RJ 08 - Tres Tot Servo MG 08



Brutal Leo ?? - Bata Goa Davi Mamut Vouvo Lú Erika Gut RJ 08











Bruno Brito Mats Gus SP 08 - Tot Ed-mun MG 08



Andy BH 08 - Eder BA 08



Drao RS

drao.





Davi Bata Mutant Nay Erika RJ 08 - Dokie ???



BTS Inseto BTS inseto ?? SP - Guetto SP 07



Mila RJ 08





Mio Retos SP 08 - Ice RJ 08



Mila Reis MG 08 - BTS Inseto SP 08



Smoky SP 08



Samelo Onesto SP 08; Origi ketu Dinho SP 08



Keyler Nuans Termik Soap Amin Resh Amsam Swek Arsh ...





???? - ????



FENCO
26
548

FENCO
CO
548

☆

Andy3D MG 08 - Ladys Paty Giu MS 08



NEW Belo Horizonte 08



Oito2 Menos1 São Paulo 08 - Smoky Rio de Janeiro 08



EXIT

400ml